

## INDÚSTRIA DE ALIMENTOS

**FERNANDO LUIZ E. VIANA**

Engenheiro Civil. Mestre em Engenharia de Produção, Doutor em Administração  
Coordenador de Estudos e Pesquisas do ETENE/BNB

### 1 INTRODUÇÃO

O presente documento apresenta informações sobre a indústria de alimentos, que dentro da indústria de transformação, constitui um dos setores que abrange a maior quantidade de grupos e, por conta disso, apresenta certa heterogeneidade de características entre os grupos. O objetivo é que se possa ter um panorama recente do setor, incluindo sua caracterização, desempenho recente e perspectivas.

O trabalho foi executado utilizando-se basicamente dados secundários, acessados em publicações especializadas do setor, as quais constam nas referências. É importante salientar que, devido à heterogeneidade supracitada e às especificidades de alguns grupos, esta análise contextualiza o cenário de toda a indústria de alimentos, entretanto, traz detalhes mais específicos das atividades que compõem os seguintes grupos da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE): 10.3 (Fabricação de conservas de frutas, legumes e outros vegetais), 10.4 (Fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais), 10.5 (Laticínios), 10.6 (Moagem, fabricação de produtos amiláceos e de alimentos para animais), 10.8 (Torrefação e moagem de café) e 10.9 (Fabricação de outros produtos alimentícios). Os demais grupos serão contemplados por análises específicas em outra oportunidade. Ademais, alguns grupos incluídos nessa análise também serão objeto de análises mais detalhadas, que incorporem uma visão mais completa da cadeia produ-

va para o lado da atividade agropecuária.

### 2 CARACTERIZAÇÃO DO SETOR

A indústria de alimentos engloba grande diversidade de produtos, possuindo forte inter-relação com a agricultura e a pecuária, tendo em vista que esses setores constituem os fornecedores dos principais insumos utilizados na indústria de alimentos. Devido aos insumos utilizados a partir da agropecuária, a indústria de alimentos possui sazonalidade da produção vinculada à sazonalidade da oferta de seus insumos. Esses insumos representam em torno de 55% dos custos totais de produção de indústria de alimentos. Além das relações com a agropecuária, a indústria de alimentos estabelece, assim como outros setores da indústria de transformação, relações com canais de distribuições, indústrias de embalagens, máquinas e equipamentos, entre outras, conforme pode ser visto na **Figura 1**.

A indústria de alimentos possui grande importância na indústria de transformação, na participação no PIB e na geração de empregos. Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Alimentação – ABIA (2018), a indústria de alimentos brasileira faturou, em 2017, R\$ 497,3 bilhões, o que é equivalente a 8,2% do PIB brasileiro daquele ano e 20,5% do valor bruto da produção (*Proxy* do PIB) da indústria de transformação.

#### ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

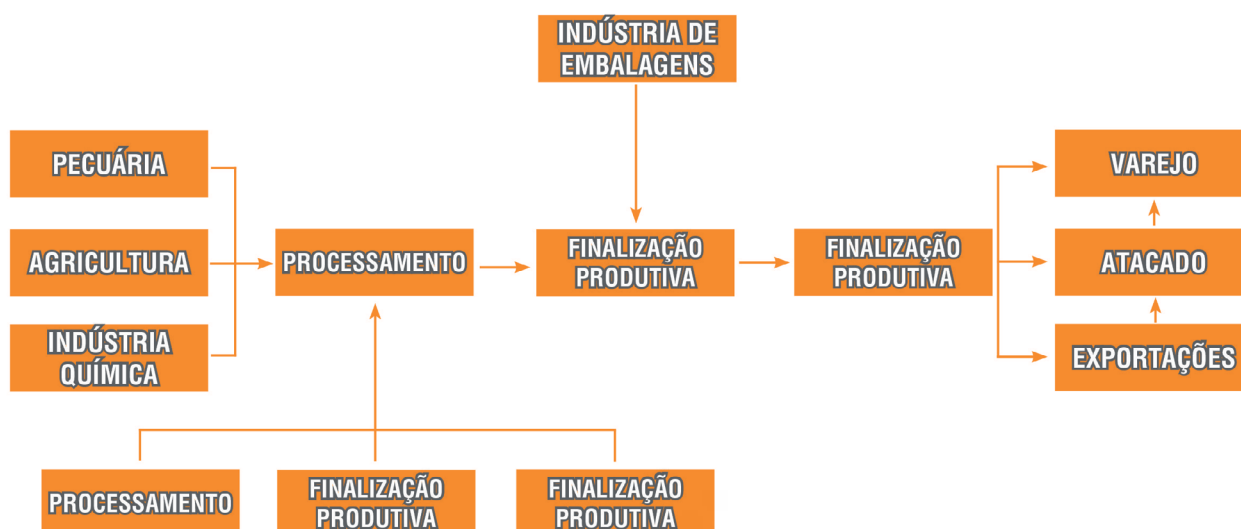
**Expediente:** Banco do Nordeste: Romildo Carneiro Rolim (Presidente), Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente), Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano J. F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coelho, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Roberto Rodrigues Pontes (Jovem Aprendiz). Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), Leonardo Dias Lima, Wandemberg Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico) e Hermano José Pinho (Revisão Vernacular).

O **Caderno Setorial ETENE** é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

**Contato:** Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: [etene@bnb.gov.br](mailto:etene@bnb.gov.br)

**Aviso Legal:** O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte.

Figura 1 – Fluxograma produtivo da indústria de alimentos



Fonte: Serasa Experian (2016).

Em termos mundiais, a indústria de alimentos também tem importância significativa em diferentes países. No Reino Unido, por exemplo, a indústria de alimentos constitui o maior setor da indústria de transformação, empregando 400 mil pessoas (BDO, 2017). Por conta dessa importância, é cada vez maior a presença de *players* globais nos principais mercados, *players* estes que têm buscado aumentar sua participação no mercado, por meio de fusões e aquisições. Entretanto, nos últimos anos, o setor tem tido dificuldade de crescimento, especialmente em mercados-chave, tais como os Estados Unidos e a Europa Ocidental. O crescimento anual das vendas de alimentos embalados tem sido anêmico. Nos EUA, as receitas diminuíram 1% em 2017, enquanto que, na Europa Ocidental, espera-se que as vendas de alimentos fiquem estagnadas por mais cinco anos. Mesmo na China, que tem sido saudada como um grande motor do crescimento mundial, os alimentos embalados apresentaram um crescimento de apenas 2% em 2016. Por conta desse cenário, as maiores empresas mundiais de alimentos estão buscando aumentar sua eficiência para aumentar a lucratividade, o que muitas vezes significa cortar as despesas de forma implacável para melhorar as margens (Euromonitor International, 2018).

Apesar de o crescimento apresentar certa estagnação, tem havido uma mudança no que os consumidores estão gastando. Por exemplo, entre 2009 e 2013, os 25 maiores fabricantes de alimentos e bebidas dos Estados Unidos tiveram apenas 1% de crescimento anual em média, enquanto empresas menores chegaram a apresentar uma média de crescimento anual de 4,9% (Deloitte, 2016). O desafio para essas empresas tornou-se encontrar maneiras de crescer em conexão com as mudanças no padrão de decisão de compras dos consumidores e do comportamento dos mesmos. Historicamente, os consumidores tomam decisões de compra com base em sabor, preço e conveniência, conhecidos como “fatores tradicionais” na

decisão de compra de produtos alimentícios. Entretanto, atualmente os consumidores têm dado maior peso a outros fatores na sua decisão de compra, o que traz novos desafios e oportunidades para a indústria de alimentos. Entre esses novos fatores, destacam-se saúde e bem-estar, segurança, impacto social, experiência e transparência.

O processo de mudança pelo qual passa a indústria de alimentos tem afetado praticamente todos os setores que fabricam bens de consumo. O inconstante consumidor está testando o modelo de negócios tradicional (“brick-and-mortar”, ou tijolo e argamassa), alterando mais rapidamente as preferências de produto e os canais de compra. Assim sendo, as empresas têm buscado novos modelos de negócios, que envolvem quatro pilares distintos (Euromonitor International, 2018): (a) serviços de assinatura; (b) formatos mistos; (c) personalização e; (d) entrega *Just-in-time*.

Desenvolvimentos em tecnologia, regulamentação e requisitos de consumo em constante evolução mudaram as regras do jogo para empresas de alimentos. As empresas têm atuado fortemente no desenvolvimento de novos produtos e investido em processos automatizados para aumentar a produtividade. Existem várias tendências de consumo que moldam o desenvolvimento de produtos, incluindo os chamados alimentos isentos de determinadas substâncias (“free-from”), alimentos saudáveis, veganos e vegetais, bem como especialidades de nicho, tais como os lanches (“snacks”) (BDO, 2017).

Apesar de o mercado brasileiro apresentar algumas particularidades em comparação com os mercados dos países desenvolvidos, bem como manter certa heterogeneidade entre as diferentes regiões do País, entende-se que as empresas que atuam no Brasil devem atentar às tendências observadas no mercado internacional, espe-

cialmente porque diversas empresas multinacionais do setor alimentícios com origem em outros países atuam no Brasil. Além disso, algumas empresas com capital nacional, pertencentes à indústria de alimentos, possuem forte viés de internacionalização, com importantes mercados localizados fora do País.

De acordo com Euromonitor International (2017), embora o mercado brasileiro seja muito fragmentado, empresas multinacionais detêm as cinco primeiras posições em vendas, em se tratando de alimentos embalados, apesar de terem apresentado um declínio marginal de participação em 2017: Nestlé, Mondelez Internacional, PepsiCo, Unilever e Danone. Para lidar com a dificuldade de manutenção das margens e da participação em um mercado tão competitivo como o brasileiro, com restrições em termos de renda disponível dos consumidores, essas empresas têm adotado estratégias tais como a introdução de novos materiais de embalagem, investimentos em campanhas de marketing, modernização tecnológica dos processos de produção e maior eficiência de gestão. A seção seguinte apresenta o desempenho recente da indústria de alimentos no Brasil.

### 3 DESEMPENHO RECENTE

A principal instituição representativa do setor em estudo é a Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação – ABIA, que engloba as indústrias de alimentos e bebidas e disponibiliza regularmente informações sobre o desempenho de algumas variáveis do setor, informações estas que foram apresentadas em parte na primeira seção. Por outro lado, é possível obter informações a partir de órgãos oficiais, tais como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) e do Ministério do Trabalho. Os tópicos seguintes apresentam informações referentes às principais variáveis associadas ao desempenho da indústria de alimentos, considerando os grupos CNAE cobertos pelo presente trabalho.

#### 3.1 Produção e Vendas

Com relação à produção da indústria brasileira, os dados da Pesquisa Industrial Anual Produto (PIA Produto), do IBGE (2018), referentes ao período 2006-2015 (último dado disponível), mostram um crescimento consistente na produção da indústria de alimentos até 2012 (**Tabela 1, Anexo 1**), ano a partir do qual se observa certa estabilidade, com pequena queda em 2014 e retomada do crescimento em 2015.

Diversas classes de alimentos cresceram acima de 100% no período, com destaque para a fabricação de conservas de legumes e outros vegetais (224%), fabricação de laticínios líquidos (155%) e fabricação de alimentos e pratos prontos (9138%). No caso da última classe destacada, o grande crescimento da produção de alimentos e pratos prontos (embora em quantidades cujo patamar é bem

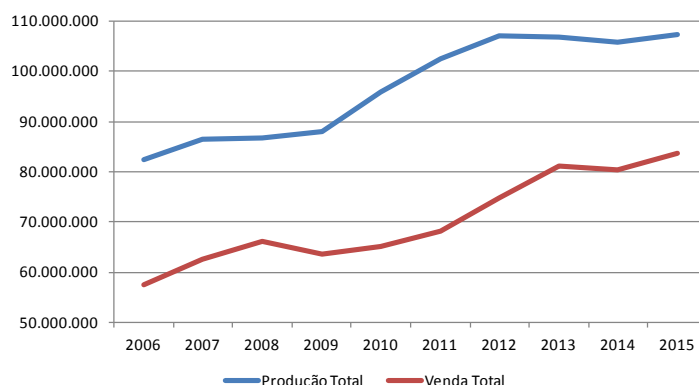
inferior à maioria das classes) sinaliza a busca por maior comodidade e praticidade no consumo de alimentos, em linha com algumas tendências já sinalizadas na seção 2 e que são mais detalhadas na seção 5.

No que diz respeito às quantidades vendidas, os dados da PIA Produto mostram um cenário (**Tabela 2, Anexo 2**) semelhante ao observado para a produção.

O aumento das vendas no período foi relativamente proporcional ao da produção, com diversas classes de alimentos apresentando alta acima de 100% no período. Assim como na produção, as classes fabricação de conservas de legumes e outros vegetais (222%), fabricação de laticínios líquidos (167%) e fabricação de alimentos e pratos prontos (6747%) tiveram destaque, além da classe fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis (167%).

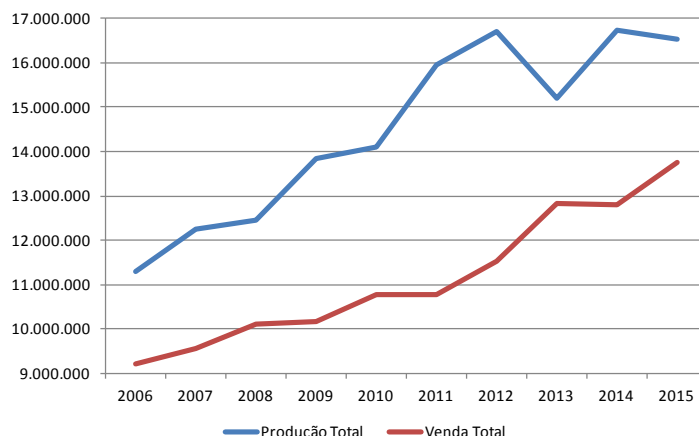
Nos gráficos 1 e 2 são apresentados simultaneamente os crescimentos da produção e das vendas de produtos alimentícios, separando-se os que são medidos em toneladas (**Gráfico 1**) e os que são medidos em milhares de litros (**Gráfico 2**).

**Gráfico 1 – Evolução da produção e vendas de produtos da indústria de alimentos brasileira, medidos em toneladas: 2006-2015**



Fonte: IBGE (2018). Elaboração do autor.

**Gráfico 2 – Evolução da produção e vendas de produtos da indústria de alimentos brasileira, medidos em milhares de litros: 2006-2015**



Fonte: IBGE (2018). Elaboração do autor.

Além das análises efetuadas acerca do comportamento da produção e do faturamento da indústria de alimentos brasileira, para se entender o comportamento da demanda total, é essencial a avaliação do comércio internacional de produtos alimentícios.

Considerando-se apenas os produtos que se enquadram nas classes CNAE da indústria de alimentos que compõem o presente estudo, observa-se certa instabilidade do comportamento das exportações no período 2008-2017, tendo em vista que houve forte queda entre 2008 e 2009, crescimento entre 2010 e 2012, leve queda em 2013 e 2014, queda esta que se acentuou em 2015 e 2016, seguida de leve recuperação em 2017, conforme pode ser observado na **Tabela 3 (Anexo 3)**. Esse comportamento instável resultou na queda de 13,7% no valor das exportações entre os anos de 2008 e 2017.

Entre as diversas classes analisadas, os crescimentos de maior destaque nas exportações no período 2008-2017 foram a moagem de trigo e fabricação de derivados (867,3%) e a fabricação de farinha de mandioca e derivados (457,1%).

No que diz respeito às importações (**Tabela 4, Anexo 4**), observou-se um crescimento consistente na maior parte do período analisado, com queda significativa apenas em 2015, e retomada nos anos seguintes. Entretanto, os valores envolvidos são bem menores do que aqueles das exportações, o que é esperado, em função da expertise do Brasil como grande fornecedor mundial de alimentos. Considerando o agregado das classes analisadas, o crescimento das importações chegou a 53,9% entre 2008 e 2017.

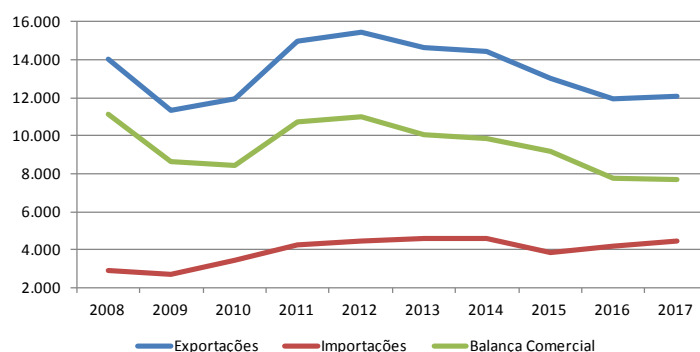
Entre os produtos importados pela indústria de alimentos brasileira, considerando-se apenas as classes apresentadas, destacam-se as conservas de legumes, óleos vege-

tais refinados e laticínios. Em termos de crescimento das importações no período, destaca-se a farinha de mandioca e derivados, o café e derivados, e os alimentos prontos.

Os dados mostram que a balança comercial da indústria de alimentos brasileira foi amplamente superavitária no período analisado, o que é condizente com o comentário anterior de que o Brasil é mundialmente conhecido como país fornecedor de alimentos para o resto do Mundo (**Gráfico 3**), embora o superávit tenha tendência de queda em função da diminuição das exportações e relativa estabilidade das importações.

Com relação aos principais parceiros do Brasil no comércio exterior de produtos alimentícios, as **tabelas 5 e 6** apresentam, respectivamente, os dez principais países de destinos das exportações e os dez principais países de origem das importações em diferentes anos.

**Gráfico 3 – Balança comercial da indústria de alimentos<sup>1</sup> brasileira no período 2007-2015 (US\$ milhões FOB)**



Fonte: FUNCEXDATA (2018). Elaboração do BNB/ETENE.

Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

**Tabela 5 – Principais países de destino das exportações brasileiras de produtos alimentícios<sup>1</sup> (US\$ FOB): 2008 x 2012 x 2017**

Países	2008	%	2012	%	2017	%
Holanda	2.382.566.172	17,0%	3.086.461.508	20,0%	1.906.586.108	15,8%
Estados Unidos	877.331.140	6,3%	813.118.351	5,3%	992.469.728	8,2%
Bélgica	924.028.665	6,6%	1.076.615.900	7,0%	817.847.321	6,8%
Tailândia	284.787.418	2,0%	646.761.972	4,2%	681.285.287	5,6%
Alemanha	777.917.280	5,6%	1.024.232.477	6,6%	595.415.501	4,9%
Indonésia	171.518.454	1,2%	170.835.717	1,1%	581.174.692	4,8%
Coréia do Sul	281.657.474	2,0%	378.450.908	2,5%	548.340.088	4,5%
França	1.231.377.860	8,8%	873.828.362	5,7%	517.965.690	4,3%
China	920.816.251	6,6%	1.085.712.067	7,0%	408.480.904	3,4%
Índia	197.783.106	1,4%	370.233.336	2,4%	389.173.409	3,2%
<b>Sub-total</b>	<b>8.049.783.820</b>	<b>57,6%</b>	<b>9.526.250.598</b>	<b>61,7%</b>	<b>7.438.738.728</b>	<b>61,7%</b>
Outros	5.928.890.884	42,4%	5.918.180.092	38,3%	4.624.340.604	38,3%
<b>Total</b>	<b>13.978.674.704</b>	<b>100,0%</b>	<b>15.444.430.690</b>	<b>100,0%</b>	<b>12.063.079.332</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: FUNCEXDATA (2018). Elaboração do BNB/ETENE.

Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.



**Tabela 6 – Principais países de origem das importações brasileiras de produtos alimentícios<sup>1</sup> (US\$ FOB): 2008 x 2012 x 2017**

Países	2008	%	2012	%	2017	%
Argentina	907.476.356	30,8%	1.189.747.710	26,0%	959.414.142	21,0%
Uruguai	175.502.483	6,0%	434.645.204	9,5%	398.621.920	8,7%
Indonésia	243.095.394	8,3%	377.288.904	8,2%	334.275.641	7,3%
Estados Unidos	183.579.024	6,2%	282.894.271	6,2%	286.500.753	6,3%
Portugal	136.516.788	4,6%	201.879.434	4,4%	224.549.178	4,9%
Paraguai	98.585.234	3,3%	135.871.723	3,0%	202.518.629	4,4%
China	83.347.032	2,8%	187.518.887	4,1%	191.716.261	4,2%
Países Baixos	89.593.260	3,0%	160.619.491	3,5%	165.953.852	3,6%
Gana	10.709.878	0,4%	20.607.276	0,4%	160.833.073	3,5%
Chile	86.055.113	2,9%	169.633.365	3,7%	150.296.814	3,3%
<b>Sub-total</b>	<b>2.014.460.562</b>	<b>68,4%</b>	<b>3.160.706.265</b>	<b>69,0%</b>	<b>3.074.680.263</b>	<b>67,1%</b>
<b>Outros</b>	<b>931.266.155</b>	<b>31,6%</b>	<b>1.423.094.061</b>	<b>31,0%</b>	<b>1.504.751.143</b>	<b>32,9%</b>
<b>Total</b>	<b>2.945.726.717</b>	<b>100,0%</b>	<b>4.583.800.326</b>	<b>100,0%</b>	<b>4.579.431.406</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: FUNCEXDATA (2018). Elaboração do BNB/ETENE.

Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

Analisando-se os dados de 2017, percebe-se que as exportações de produtos alimentícios têm os países europeus e asiáticos como principais destinos, além dos Estados Unidos. A Holanda e a Bélgica, posicionadas como 1º e 3º maiores importadores, possivelmente têm a função de entreposto, tendo em vista a importância dos portos de Roterdã (Holanda) e Antuérpia (Bélgica) como receptores de mercadorias que têm a Europa como destino. Comparando-se os dados de 2008 e 2017, observa-se um aumento importante da participação de países asiáticos (Tailândia, Indonésia, Coreia do Sul, China e Índia), o que sinaliza o desbravamento de novos mercados pelos produtos alimentícios brasileiros, mercados estes com alto potencial de consumo por conta dos grandes contingentes populacionais desses países.

Por outro lado, no que diz respeito às importações, os países da América do Sul possuem maior destaque, especialmente Argentina e Uruguai, que juntos são responsáveis por 29,7% do valor importado em produtos alimentícios pelo Brasil, apesar da forte queda de participação da Argentina entre 2008 e 2017. Nesse período observou-se, também, aumento relevante de participação da China e de Gana como exportadores de alimentos para o Brasil.

### 3.2 Emprego e Capacidade Instalada

Após dois anos de forte retração econômica (2015 e 2016), a economia brasileira apresentou uma leve recuperação em 2017, com crescimento de 1% do PIB, inflação dentro da meta e queda dos juros. Entretanto, a taxa de desemprego segue elevada, o que tem reflexo na renda dos consumidores e, portanto, no consumo de bens em geral.

No caso da indústria de alimentos, considerando-se os grupos da CNAE especificados na introdução, no período 2007-2015 houve alta consistente no número de empregos em todo o período em praticamente todos os estados. Entretanto, boa parte dos estados apresentou queda no número de empregos entre 2015 e 2016, com exceção do Espírito Santo, Maranhão, Pará, Piauí, Rio Grande do Sul e Roraima. Considerando-se todo o período 2017-2016, a taxa de crescimento foi de 31,7% no Brasil e 37,8% no Nordeste, tendo destaque nacional o estado do Maranhão (104,9%) (**Tabela 7**).

Mesmo com o crescimento observado para o emprego na maior parte do período analisado, a capacidade ociosa do setor oscilou, embora com amplitude relativamente pequena, variando de um mínimo de 15,4% em 2011 a um máximo de 21,7% em 2014, conforme pode ser observado no **Gráfico 4**.

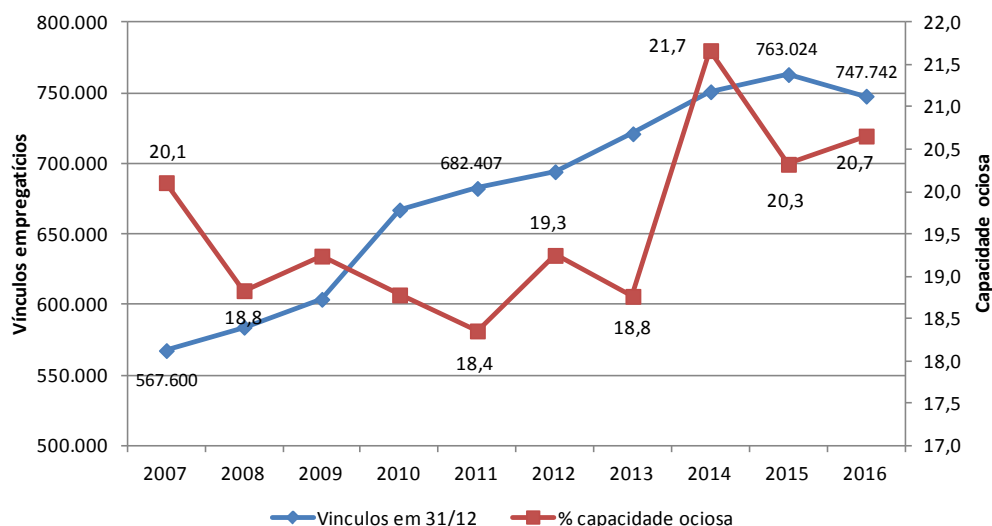
**Tabela 7 – Evolução do emprego na indústria de alimentos<sup>1</sup> no período 2007-2016: Brasil, Nordeste e UF**

Estado	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Acre	647	654	672	757	884	968	961	1.055	1.108	989
Alagoas	4.982	5.188	5.079	6.173	6.597	6.802	6.860	6.790	6.837	6.602
Amapá	385	313	339	474	505	568	652	716	755	678
Amazonas	3.229	3.260	3.516	3.851	4.369	5.215	5.596	4.869	5.721	4.728
Bahia	16.224	16.819	17.456	21.396	23.313	24.358	26.582	27.786	27.777	26.956
Ceará	27.044	27.151	28.535	29.195	31.025	30.168	30.821	32.001	33.181	32.863
Distrito Federal	3.239	3.101	3.318	4.546	4.116	4.164	4.224	4.302	5.395	5.366
Espírito Santo	10.476	10.450	11.307	13.369	14.638	14.564	14.028	14.688	14.608	14.629
Goiás	30.637	32.455	33.949	36.719	36.704	39.943	41.200	41.464	41.145	39.363
Maranhão	1.980	2.485	2.542	2.795	3.298	3.473	3.825	3.981	3.891	4.058
Mato Grosso	7.159	8.002	9.544	9.904	10.005	10.551	10.824	11.343	11.769	11.624
Mato Grosso do Sul	5.462	5.629	6.139	6.508	6.715	6.555	7.208	7.464	8.165	7.685
Minas Gerais	75.029	77.598	78.840	89.513	88.309	91.133	95.758	100.100	103.685	102.091
Pará	12.812	14.744	14.284	16.204	12.427	12.196	12.595	14.101	14.463	15.409
Paraíba	6.398	7.200	7.240	8.690	8.947	9.212	9.517	10.066	10.325	10.266
Paraná	58.580	60.171	62.616	67.588	68.705	66.247	70.471	72.691	71.092	70.390
Pernambuco	20.937	21.427	22.337	25.829	27.247	27.112	26.727	31.485	31.916	30.567
Piauí	3.803	3.545	3.974	5.057	5.084	5.444	5.356	6.035	6.616	6.620
Rio de Janeiro	25.163	24.976	26.580	29.140	28.939	28.845	28.812	29.843	29.312	28.271
Rio Grande do Norte	9.708	8.996	10.081	10.819	10.742	10.944	10.457	10.306	10.712	10.156
Rio Grande do Sul	50.268	52.806	55.006	60.830	63.715	63.355	65.133	66.370	66.970	68.485
Rondônia	3.815	3.918	4.507	5.107	5.194	5.142	5.369	5.867	6.233	6.092
Roraima	362	346	417	449	493	451	440	436	521	576
Santa Catarina	31.303	31.926	32.785	37.292	37.975	38.386	39.580	41.653	42.428	42.317
São Paulo	148.925	154.262	155.944	167.007	174.281	179.334	188.637	195.948	198.260	191.065
Sergipe	7.121	4.724	4.501	5.302	5.681	6.444	6.951	6.983	7.408	7.272
Tocantins	1.912	1.959	2.392	2.666	2.499	2.664	2.524	2.518	2.731	2.624
<b>Região Nordeste</b>	<b>98.197</b>	<b>97.535</b>	<b>101.745</b>	<b>115.256</b>	<b>121.934</b>	<b>123.957</b>	<b>127.096</b>	<b>135.433</b>	<b>138.663</b>	<b>135.360</b>
<b>Brasil</b>	<b>567.600</b>	<b>584.105</b>	<b>603.900</b>	<b>667.180</b>	<b>682.407</b>	<b>694.238</b>	<b>721.108</b>	<b>750.861</b>	<b>763.024</b>	<b>747.742</b>

Fonte: MTE/RAIS (2018). Elaboração do ETENE/BNB.

Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

**Gráfico 4 – Desempenho recente do número de empregos e capacidade ociosa<sup>1</sup> da indústria de alimentos brasileira: 2007 a 2016**



Fonte: MTE/RAIS (2018) e CNI. Elaboração do autor.

Nota: (1) A capacidade ociosa informada considera todos os grupos da CNAE que compõem a indústria de alimentos.

O índice de utilização da capacidade produtiva do setor, que variou de 78,3% a 81,6%, embora não esteja entre os mais baixos da indústria de transformação, poderia ser considerado um indicador de que não deverá haver grandes investimentos em ampliação da capacidade por parte das empresas do setor. Entretanto, como se trata de um índice que considera o agregado de todos os grupos e classes CNAE da indústria de alimentos, não permite uma avaliação mais concreta, pois os diferentes grupos são heterogêneos e comportam diferentes portes de empresas. Setores caracterizados pela dominância de empresas de menor porte (por exemplo, indústria de panificação) são mais sensíveis aos movimentos de aumento da demanda, o que tem impacto sobre a decisão de aumento da capacidade.

## 4 DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DA PRODUÇÃO

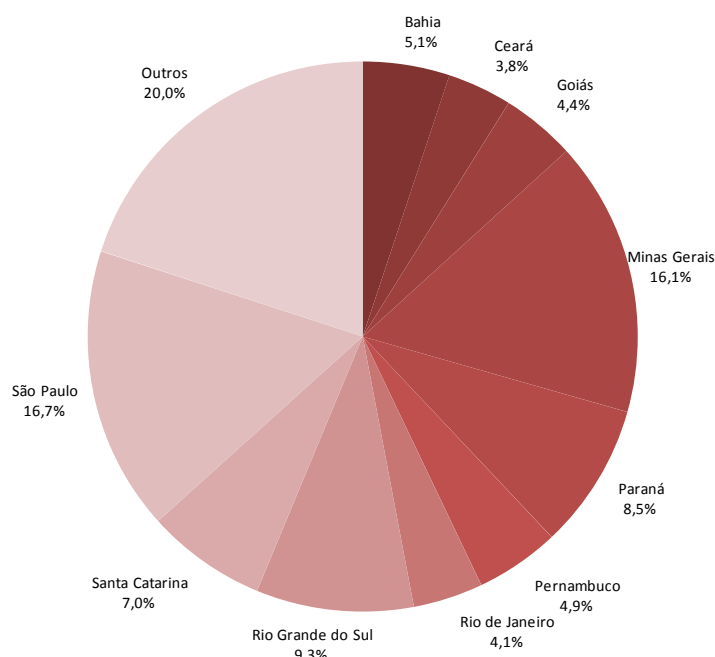
A indústria de alimentos, considerando-se todos os seus grupos e classes da CNAE, constitui o setor da indústria de transformação brasileira de maior importância em termos de geração de empregos, englobando 21,8% de todos os empregos formais da indústria de transformação em 2016. Na Região Nordeste, a importância da indústria de alimentos é ainda maior, tendo em vista que é responsável por 27,8% dos empregos formais da indústria de transformação em 2016.

Considerando-se apenas os grupos CNAE que são objeto da presente análise, a distribuição geográfica das empresas guarda certa relação com a distribuição da população brasileira, tendo em vista que alguns setores da indústria de alimentos têm forte viés de descentralização da produção, de acordo com a distribuição do mercado consumidor. Nesse sentido, os estados mais populosos são aqueles que concentram a maior quantidade de estabelecimentos ligados à indústria de alimentos (**Gráfico 5**).

As exceções entre os dez estados mais populosos na lista dos dez estados com maior número de estabelecimentos da indústria de alimentos são o Maranhão e o Pará, em função da maior importância do setor nos estados de Goiás e Santa Catarina (12º e 11º estados mais populosos, respectivamente).

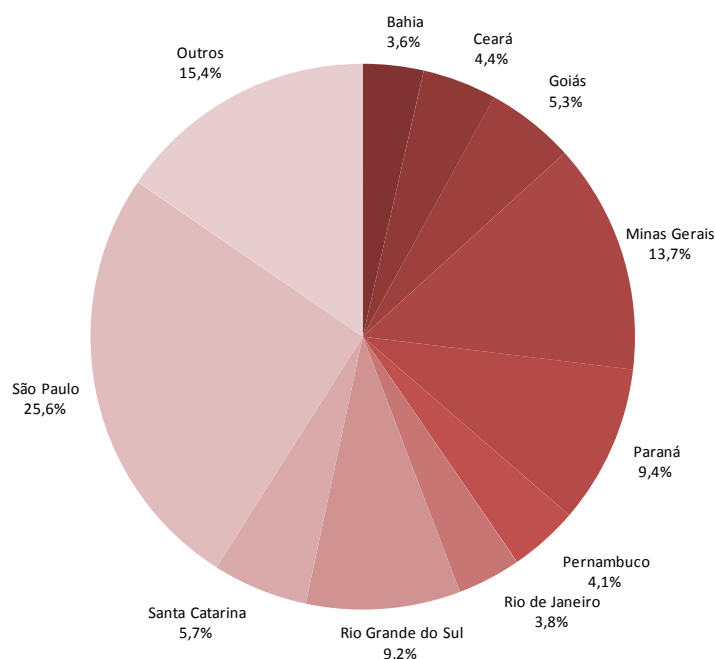
No caso dos empregos, a lógica é a mesma observada para o número de estabelecimentos, tendo em vista que não se observou mudança na relação dos dez estados com maior número de vínculos empregatícios em 2016 (**Gráfico 6**). Entretanto, entre os dez estados com maior número de empregos no setor, houve aumento da concentração dos empregos no estado de São Paulo (25,6%) em comparação com o número de estabelecimentos (16,7%), o que sinaliza que predominam em São Paulo empresas de maior porte na indústria de alimentos.

**Gráfico 5 – Distribuição geográfica (%) das empresas brasileiras da indústria de alimentos<sup>1</sup> em 2016**



Fonte: MTE/RAIS (2018). Elaboração do ETENE/BNB.  
Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

**Gráfico 6 – Distribuição geográfica (%) dos empregos na indústria de alimentos<sup>1</sup> brasileira em 2016**



Fonte: MTE/RAIS (2018). Elaboração do ETENE/BNB.  
Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

Em termos de evolução das quantidades de empresas (**Tabela 8**) e empregos (**Tabela 9**), não foram observadas mudanças significativas de representatividade dos estados no período considerado.

**Tabela 8 – Distribuição geográfica (%) das empresas brasileiras da indústria de alimentos<sup>1</sup>: 2007 a 2016**

Estado	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Acre	0,3%	0,2%	0,3%	0,2%	0,3%	0,3%	0,3%	0,3%	0,3%	0,3%
Alagoas	1,1%	1,1%	1,0%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%
Amapá	0,2%	0,1%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%
Amazonas	0,6%	0,6%	0,6%	0,6%	0,6%	0,7%	0,6%	0,6%	0,6%	0,6%
Bahia	4,6%	4,5%	4,6%	4,8%	5,1%	5,1%	5,1%	5,2%	5,2%	5,1%
Ceará	3,7%	3,6%	3,4%	3,4%	3,4%	3,6%	3,6%	3,8%	3,7%	3,8%
Distrito Federal	0,8%	0,7%	0,7%	1,1%	0,9%	0,9%	0,8%	0,9%	0,9%	1,0%
Espírito Santo	1,7%	1,7%	1,8%	1,8%	2,0%	2,0%	2,0%	2,1%	2,1%	2,1%
Goiás	5,0%	5,0%	4,9%	4,7%	4,6%	4,7%	4,6%	4,5%	4,5%	4,4%
Maranhão	0,7%	0,8%	0,8%	0,8%	0,9%	0,9%	1,0%	1,0%	1,0%	1,1%
Mato Grosso	2,0%	2,0%	2,2%	2,0%	2,1%	2,1%	2,0%	2,0%	2,0%	2,1%
Mato Grosso do Sul	1,3%	1,3%	1,4%	1,3%	1,4%	1,4%	1,5%	1,4%	1,5%	1,5%
Minas Gerais	16,9%	16,9%	16,5%	16,1%	16,1%	16,0%	16,0%	15,9%	16,0%	16,1%
Pará	1,7%	1,7%	1,7%	1,6%	1,7%	1,7%	1,8%	1,9%	1,9%	1,9%
Paraíba	2,0%	2,0%	1,9%	2,0%	2,0%	2,1%	2,0%	2,0%	2,1%	2,1%
Paraná	9,1%	9,3%	9,2%	8,8%	8,7%	8,6%	8,6%	8,6%	8,4%	8,5%
Pernambuco	5,1%	5,0%	4,9%	5,2%	5,3%	5,3%	5,2%	5,2%	5,1%	4,9%
Piauí	1,1%	1,1%	1,2%	1,3%	1,2%	1,4%	1,3%	1,4%	1,4%	1,4%
Rio de Janeiro	4,1%	3,9%	4,0%	4,1%	4,2%	4,1%	4,0%	3,9%	4,0%	4,1%
Rio Grande do Norte	1,8%	1,8%	1,9%	1,8%	1,9%	1,9%	2,0%	2,0%	2,0%	2,0%
Rio Grande do Sul	9,5%	9,8%	10,0%	9,8%	9,8%	9,7%	9,5%	9,3%	9,3%	9,3%
Rondônia	1,0%	1,0%	1,0%	0,9%	0,9%	0,9%	0,9%	0,9%	0,9%	1,0%
Roraima	0,2%	0,1%	0,2%	0,1%	0,1%	0,2%	0,1%	0,1%	0,2%	0,2%
Santa Catarina	6,8%	7,0%	7,0%	7,5%	7,2%	7,1%	7,2%	7,1%	7,1%	7,0%
São Paulo	17,2%	17,1%	16,9%	17,1%	16,7%	16,7%	16,9%	16,9%	16,7%	16,7%
Sergipe	1,0%	0,9%	0,9%	0,9%	0,9%	1,0%	0,9%	0,9%	0,9%	0,9%
Tocantins	0,6%	0,6%	0,6%	0,5%	0,5%	0,5%	0,6%	0,5%	0,5%	0,6%
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: MTE/RAIS (2016).Elaboração do ETENE/BNB.

Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.



**Tabela 9 – Distribuição geográfica (%) dos empregos da indústria de alimentos<sup>1</sup> por UF: 2007 a 2016**

Estado	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Acre	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%
Alagoas	0.9%	0.9%	0.8%	0.9%	1.0%	1.0%	1.0%	0.9%	0.9%	0.9%
Amapá	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%
Amazonas	0.6%	0.6%	0.6%	0.6%	0.6%	0.8%	0.8%	0.6%	0.7%	0.6%
Bahia	2.9%	2.9%	2.9%	3.2%	3.4%	3.5%	3.7%	3.7%	3.6%	3.6%
Ceará	4.8%	4.6%	4.7%	4.4%	4.5%	4.3%	4.3%	4.3%	4.3%	4.4%
Distrito Federal	0.6%	0.5%	0.5%	0.7%	0.6%	0.6%	0.6%	0.6%	0.7%	0.7%
Espírito Santo	1.8%	1.8%	1.9%	2.0%	2.1%	2.1%	1.9%	2.0%	1.9%	2.0%
Goiás	5.4%	5.6%	5.6%	5.5%	5.4%	5.8%	5.7%	5.5%	5.4%	5.3%
Maranhão	0.3%	0.4%	0.4%	0.4%	0.5%	0.5%	0.5%	0.5%	0.5%	0.5%
Mato Grosso	1.3%	1.4%	1.6%	1.5%	1.5%	1.5%	1.5%	1.5%	1.5%	1.6%
Mato Grosso do Sul	1.0%	1.0%	1.0%	1.0%	1.0%	0.9%	1.0%	1.0%	1.1%	1.0%
Minas Gerais	13.2%	13.3%	13.1%	13.4%	12.9%	13.1%	13.3%	13.3%	13.6%	13.7%
Pará	2.3%	2.5%	2.4%	2.4%	1.8%	1.8%	1.7%	1.9%	1.9%	2.1%
Paraíba	1.1%	1.2%	1.2%	1.3%	1.3%	1.3%	1.3%	1.3%	1.4%	1.4%
Paraná	10.3%	10.3%	10.4%	10.1%	10.1%	9.5%	9.8%	9.7%	9.3%	9.4%
Pernambuco	3.7%	3.7%	3.7%	3.9%	4.0%	3.9%	3.7%	4.2%	4.2%	4.1%
Piauí	0.7%	0.6%	0.7%	0.8%	0.7%	0.8%	0.7%	0.8%	0.9%	0.9%
Rio de Janeiro	4.4%	4.3%	4.4%	4.4%	4.2%	4.2%	4.0%	4.0%	3.8%	3.8%
Rio Grande do Norte	1.7%	1.5%	1.7%	1.6%	1.6%	1.6%	1.5%	1.4%	1.4%	1.4%
Rio Grande do Sul	8.9%	9.0%	9.1%	9.1%	9.3%	9.1%	9.0%	8.8%	8.8%	9.2%
Rondônia	0.7%	0.7%	0.7%	0.8%	0.8%	0.7%	0.7%	0.8%	0.8%	0.8%
Roraima	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%
Santa Catarina	5.5%	5.5%	5.4%	5.6%	5.6%	5.5%	5.5%	5.5%	5.6%	5.7%
São Paulo	26.2%	26.4%	25.8%	25.0%	25.5%	25.8%	26.2%	26.1%	26.0%	25.6%
Sergipe	1.3%	0.8%	0.7%	0.8%	0.8%	0.9%	1.0%	0.9%	1.0%	1.0%
Tocantins	0.3%	0.3%	0.4%	0.4%	0.4%	0.4%	0.4%	0.3%	0.4%	0.4%
<b>Total</b>	<b>100.0%</b>	<b>100.0%</b>	<b>100.0%</b>	<b>100.0%</b>	<b>100.0%</b>	<b>100.0%</b>	<b>100.0%</b>	<b>100.0%</b>	<b>100.0%</b>	<b>100.0%</b>

Fonte: MTE/RAIS (2018). Elaboração do ETENE/BNB.

Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

Conforme citado anteriormente, trata-se de um setor com alta relevância na indústria de transformação nordestina, sendo que a Região concentra 22,5% dos estabelecimentos e 18,1% do emprego. O percentual de estabelecimentos maior do que o percentual de empre-

gos, algo que ocorre também nas regiões Norte, Centro-Oeste e Sul, indica que, comparativamente à região Sudeste, há predominância de empresas de menor porte na indústria de alimentos nestas regiões, incluindo o Nordeste.

## 5 PERSPECTIVAS

Em termos de perspectivas de mercado, conforme citado anteriormente, os produtos alimentícios têm enfrentado um cenário de dificuldade de crescimento, especialmente em mercados-chave, tais como os Estados Unidos e a Europa Ocidental. O crescimento anual das vendas de alimentos embalados tem sido anêmico. Nos EUA, as receitas diminuiram 1% em 2017, enquanto que na Europa Ocidental espera-se que as vendas de alimentos fiquem estagnadas por mais cinco anos. Mesmo na China, que tem sido saudada como um grande motor do crescimento mundial, os alimen-

tos embalados apresentaram um crescimento de apenas 2% em 2016. Então, a realidade atual da indústria de alimentos é operar em um mercado de baixo crescimento.

Em função dessa realidade, as empresas do setor precisam estar atentas a novos fatores que têm influenciado a decisão de compra dos consumidores e, portanto, devem direcionar a oferta de alimentos por parte da indústria. Deloitte (2016) destaca os fatores apresentados no **Quadro 1**, que mostra também o significado de cada um deles, as questões-chave para o consumidor associadas a cada um destes, bem como as oportunidades para a indústria de alimentos.

**Quadro 1 – Direcionadores da decisão de compra de alimentos em evolução**

Direcionador	Significado	Aspecto-chave para o consumidor	Oportunidade para a indústria
Saúde e Bem-estar	Sua definição inclui atributos variando de conteúdo nutricional para produção orgânica, ingredientes todos naturais ou menos ingredientes artificiais	Constitui o mais importante e complexo dos direcionadores em evolução. As considerações dos consumidores são amplas e tendem a variar ao nível da categoria	Empresas devem decodificar e dissecar as nuances das preferências do consumidor relacionadas à saúde e bem-estar e, então, responder rapidamente.
Segurança	Pode ser aplicada tanto aos atributos do produto (ausência de alergênicos e menos ingredientes), como aos atributos da empresa (rotulagem detalhada)	Segurança é considerada tanto no curto prazo (livre de tóxicos) como no longo prazo (ausência de cancerígenos) e, como resultado, tem relação com saúde e bem-estar	Empresas devem ampliar sua definição de “segurança” para gerenciar e satisfazer o conjunto de expectativas dos consumidores
Impacto social	Compreende atributos da empresa tais como fornecimento local, sustentabilidade, bem-estar animal e tratamento justo dos empregados	O número de consumidores reportando forte preferência relacionada aos impactos sociais é pequeno, mas representa um grupo “barulhento” que pode agitar a opinião pública	Empresas devem identificar quais questões têm mais oportunidade ou representam os maiores riscos, e quando liderar ou seguir
Experiência	Inclui leiaute e serviços das lojas no varejo, inovação no canal de distribuição, interação da marca e engajamento personalizado abrangendo todo o processo de compra (pré, durante e pós)	Uma vez que as expectativas do consumidor aumentam, a experiência além dos produtos ou serviços atuais podem elevar a satisfação, a confiança e a fidelidade	A indústria deve estar engajada com os consumidores, tanto diretamente, como em parceria com os varejistas
Transparência	Requer atributos dos produtos tais como rotulagem clara, certificações por terceiros confiáveis (por exemplo, ISO), e atributos da empresa como acesso e confiança	Consumidores querem acesso a muitos tipos de informações sobre produtos e marcas, e querem esse acesso em tempo real (websites, apps etc.)	Empresas devem reunir e fornecer acesso a todas as informações relevantes, e estar preparadas para um engajamento em duplo sentido para promover confiança

Fonte: Adaptado de Deloitte (2016).

Uma das maneiras que as empresas do setor, notadamente as maiores, estão tentando recuperar as margens em declínio, é por meio do aumento da penetração, sendo o *e-commerce* uma das principais estratégias utilizadas para tal. Já está claro que as vendas de valor dos alimentos embalados estão passando por uma rápida mudança para a Internet, com a China, o Reino Unido, a França e a Índia apontando para um futuro em que o *e-commerce* é

responsável por uma parcela crescente do varejo. Outra tendência é as empresas oferecerem a chamada “jornada ideal do cliente”, associando as marcas a experiências de compras, fornecendo valor antes, durante e depois da compra, convertendo uma transação em um relacionamento (Euromonitor International, 2018).

Essas tendências apresentadas, que se aplicam ao mercado global de produtos alimentícios, também devem

ser consideradas no mercado brasileiro e nos mercados regionais, inclusive do Nordeste, logicamente considerando-se também as particularidades locais.

No período recente, importantes multinacionais adquiriram empresas e/ou linhas de produtos alimentícios saudáveis presentes no mercado brasileiro. O principal objetivo por trás dessa estratégia dessas empresas é competir em importantes categorias de produtos de saúde e bem-estar a partir de marcas bem conhecidas entre os brasileiros, complementando assim seu portfólio. Especificamente em 2017, destaca-se a aquisição, por parte da Unilever, da empresa Mãe Terra Produtos Naturais, que vende produtos naturais e orgânicos, ocorrida no mês de outubro. A Mãe Terra Produtos Naturais possui a certificação de uma “Empresa B”, uma comunidade global de organizações que buscam o desenvolvimento social e ambiental, bem como o econômico (Euromonitor International, 2017). Por outro lado, as aquisições também continuam sendo utilizadas como estratégia de crescimento no setor. Destaca-se no Nordeste o recente caso da aquisição da empresa Piraquê pelo grupo M Dias Branco, maior fabricante de massas e biscoitos do Brasil. O negócio foi avaliado em R\$ 1,55 bilhão e representa claramente uma estratégia para aceleração do crescimento do grupo nos mercados das regiões Sudeste e Sul do País.

Para lidar com o cenário recente de crise econômica, queda das vendas e diminuição das margens, alguns fabricantes de alimentos embalados reduziram o tamanho das embalagens de produtos dentro de categorias como confeitos, biscoitos, sorvetes e iogurtes, entre outros. Este movimento visou manter a lealdade dos consumidores e manter os preços estáveis para evitar um declínio maior nas vendas. Outras empresas de alimentos embalados introduziram novas alternativas de embalagem, usando materiais de baixo custo em comparação com o anterior. Nos laticínios, grandes empresas como a Danone e a Nestlé Brasil estão substituindo garrafas de polietileno de alta densidade por garrafas PET para iogurtes. Desenvolvimentos similares são encontrados para o leite UHT, para o qual alguns fabricantes, incluindo a Danone e a Usina de Laticínios Jussara, estão utilizando garrafas PET de 1 litro. Todas essas mudanças têm foco econômico, pois incorrem em custos menores em comparação com a embalagem anterior usada. Por outro lado, do ponto de vista ambiental, não podem ser consideradas boas soluções.

De acordo com Euromonitor International (2017), a introdução de embalagens menores dentro das principais categorias de alimentos embalados deve continuar a ser uma tendência forte durante os próximos anos, uma vez que tal estratégia estende o alcance de certos produtos aos consumidores com menor poder aquisitivo, bem como ajuda a manter a lealdade dos clientes existentes. Algumas empresas foram pioneiras dentro de certas categorias e, dependendo do nível de sucesso, devem ser seguidas por outros players.

Em termos de perspectivas para o mercado de produtos alimentícios no Brasil, o preço dos produtos continuará a ser de grande importância para o processo de compra

do consumidor, já que os compradores estão cientes do orçamento limitado disponível, da necessidade real de um produto e da percepção de que o valor agregado de alguns desses produtos alimentícios corresponde ao que o consumidor está pagando. Essa percepção deve continuar, pelo menos no curto prazo (Euromonitor International, 2017). A experiência gourmet continuará como uma tendência-chave entre os consumidores que iniciaram prática, podendo haver novas adesões nos próximos anos, pois além da economia feita através de refeições caseiras, há o prazer de desenvolver suas habilidades culinárias ao preparar suas iguarias, um prazer que é ainda mais apoiado pelos programas de culinária da TV, que são muito apreciados pelos brasileiros.

Nesse sentido, um ambiente mais positivo é esperado no Brasil durante os próximos anos, tanto em termos macroeconômicos, quanto em tendências de estilo de vida. Espera-se que os consumidores de renda média reduzam seus gastos no canal de “foodservice” e comecem a desfrutar a experiência gourmet em casa, preparando refeições com ingredientes *premium*. Com uma expectativa de aumento no nível de emprego e maior poder aquisitivo entre os consumidores de baixa renda, espera-se que haja um aumento das vendas nos próximos anos. Novas aquisições devem ocorrer no curto prazo, principalmente dentro da categoria de leite, já que o Brasil terá um bom potencial em um ambiente econômico estável quando comparado aos países da Europa, onde a demanda por tais produtos está em declínio. Nesse sentido, empresas europeias devem atuar fortemente na aquisição de pequenos e médios produtores brasileiros de leite. Enquanto as vendas de alimentos embalados no período 2012-2017 tiveram queda de 0,14% ao ano, em média (Euromonitor International, 2017), a previsão é que se reverta em um crescimento médio de 1,44% no período 2018-2022, crescimento este bastante heterogêneo nas diferentes categorias de produtos, com destaque para as frutas e vegetais processados, carnes e frutos do mar processados e molhos, temperos e condimentos. Já no caso dos alimentos frescos (ovos, frutas, nozes, carnes, frutos do mar, açúcar, vegetais etc.), o crescimento médio anual deve ser um pouco maior no mesmo período, em torno de 2% ao ano.

Em linhas gerais, entende-se que a indústria de alimentos constitui um dos setores da indústria de transformação que mais necessitam de descentralização da produção, tendo em vista a perecibilidade dos insumos utilizados. Nesse sentido, as necessidades de investimentos e, conseqüentemente, de financiamentos, devem ser analisadas a partir do conhecimento da demanda local. Logo, vislumbra-se a necessidade de investimentos para a oferta de produtos alimentícios industrializados em estados que são mais isolados geograficamente em relação aos demais e possuem menor oferta desses produtos, tais como o Piauí e o Maranhão. Ademais, investimentos para a fabricação de produtos que atenderão a nichos específicos de mercado, e que estejam alinhados aos novos direcionadores destacados no **Quadro 1**, também são perfeitamente cabíveis.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTAÇÃO. **Números do setor – Faturamento**. Disponível em <https://www.abia.org.br/vsn/anexos/faturamento2016.pdf> Acesso em 13 Mar. 2018.

BDO United Kingdom. **The food and drink report 2017**. Disponível em <http://www.bdo.co.uk/getmedia/1c77e-27b-69eb-40ff-987f-9f1a597ddb7e/BDO-Food-and-Drink-Report-2017-May.aspx> Acesso em 13Mar. 2018.

DELLOITTE. **Capitalizing on the shifting consumer food value equation**. Disponível em <https://www2.deloitte.com/content/dam/Deloitte/us/Documents/consumer-business/us-fmi-gma-report.pdf> Acesso em 23 Nov. 2016.

EUROMONITOR INTERNATIONAL. **Packaged food in Brazil**: Country Report Dec. 2017. London: Euromonitor International, 2017.

EUROMONITOR INTERNATIONAL. **Food shopping reinvented: alternative business models in food and nutrition**. London: Euromonitor International, 2018.

FUNCEXDATA. **Estatísticas de comércio exterior**. Disponível em <http://www.funcexdata.com.br/busca.asp> Acesso em 06 Mar. 2018 (Acesso Restrito).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa industrial anual – PIA Produto**. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pia-produto/tabelas/brasil/2015> Acesso em 22 Fev. 2018.

MINISTÉRIO DO TRABALHO – MTE. **Relação anual de informações sociais**. Disponível em <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/rais.php> Acesso em 26 Fev. 2018.

SERASA EXPERIAN. **Setorise Alimentos Novembro 2014**. Disponível em <http://d001www06/ambestudospesqaval/analisessetoriais/docs/setorise/brasil/Alimentos.pdf> Acesso em 17 Nov. 2016 (Acesso Restrito).

## ANEXO 1 - Tabela 1 – Evolução da produção (em toneladas)<sup>1</sup> da indústria de alimentos brasileira: 2006-2015

CLASSE CNAE	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Fabricação de conservas de frutas	1.598.573	1.740.870	1.845.993	1.887.022	2.090.094	2.460.494	2.778.678	2.470.553	2.687.372	2.580.688
Fabricação de conservas de legumes e outros vegetais	385.013	458.891	383.650	463.555	501.184	1.044.867	1.200.778	1.113.347	1.098.127	1.278.072
Fabricação de sucos de frutas, hortaliças e legumes (mil litros)	2.215.840	2.156.759	2.121.672	2.224.203	2.501.920	3.617.524	3.571.106	2.983.796	3.417.502	3.900.517
Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho	25.329.437	27.053.670	26.839.303	25.897.293	29.047.915	28.715.355	29.134.496	29.237.289	31.093.035	32.193.372
Fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho	4.525.933	3.902.167	3.808.933	3.305.205	3.152.944	3.430.797	3.294.620	3.315.656	3.554.881	3.330.240
Fabricação de margarina e outras gorduras vegetais e de óleos não comestíveis de animais	1.074.288	1.043.240	1.166.897	1.281.758	1.248.685	1.358.800	1.625.835	1.661.639	1.669.598	1.436.890
Preparação do leite (Mil litros)	7.726.261	8.815.746	8.961.124	10.168.945	9.241.544	10.028.961	10.447.735	9.394.557	10.320.772	9.633.709
Fabricação de laticínios (Toneladas)	2.434.127	2.537.702	2.694.785	3.285.574	3.479.303	3.667.610	3.647.676	3.684.120	3.806.935	3.883.720
Fabricação de laticínios (Mil litros)	1.024.668	1.037.983	1.110.884	1.176.357	2.069.991	2.004.886	2.429.952	2.579.423	2.724.005	2.607.486
Fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis	203.957	242.544	285.447	337.367	363.488	375.695	391.485	462.036	506.210	497.587
Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	4.714.373	5.185.328	6.100.069	6.147.372	6.247.057	6.663.831	6.933.569	7.203.727	7.659.657	7.994.206
Moagem de trigo e fabricação de derivados	7.989.796	8.573.470	8.605.241	8.033.613	8.214.362	8.744.572	9.560.004	10.544.155	10.205.583	9.902.371
Fabricação de farinha de mandioca e derivados	161.465	80.590	112.686	84.460	96.130	174.363	225.950	243.793	252.292	217.601
Fabricação de farinha de milho e derivados, exceto óleos de milho	1.583.171	1.807.717	1.593.709	1.505.263	1.302.614	1.593.491	2.096.555	2.553.920	2.913.717	2.913.717
Fabricação de amidos e féculas de vegetais e de óleos de milho	2.497.277	2.938.558	2.764.575	2.850.694	3.052.395	2.942.000	3.124.739	3.398.939	3.414.756	3.364.968
Fabricação de alimentos para animais	19.883.407	20.997.038	20.458.516	22.394.207	26.868.404	30.484.774	30.543.374	28.891.659	24.368.438	25.113.694
Moagem e fabricação de produtos de origem vegetal não especificados anteriormente	548.970	567.247	601.563	356.390	398.576	477.768	932.411	543.117	758.519	756.316
Torrefação e moagem de café	552.653	526.286	531.371	601.570	585.137	589.374	577.769	596.107	631.906	613.807
Fabricação de produtos à base de café	95.768	102.034	100.338	89.927	106.175	124.625	105.490	119.560	111.915	117.539
Fabricação de produtos de panificação	698.702	809.869	760.932	893.739	972.703	1.135.173	1.341.577	1.379.419	1.615.027	1.609.540
Fabricação de biscoitos e bolachas	1.405.804	1.456.952	1.642.021	1.808.795	1.706.507	1.759.644	1.811.633	1.895.036	1.881.706	1.870.213
Fabricação de produtos derivados do cacau, de chocolates e confeitos	1.496.426	1.413.712	1.432.117	1.394.125	1.351.296	1.451.764	1.578.039	1.562.221	1.579.024	1.604.067
Fabricação de massas alimentícias	1.308.713	1.227.576	1.258.825	1.320.663	1.481.263	1.447.898	1.670.710	1.786.942	1.696.335	1.730.977
Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos	764.112	766.047	756.002	891.256	939.896	1.069.233	997.415	1.207.443	1.259.998	1.425.569
Fabricação de alimentos e pratos prontos	1.687	53.970	92.674	188.008	150.591	124.023	144.759	160.520	108.042	155.881
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente (Toneladas)	3.092.312	2.875.596	2.813.989	3.074.762	2.440.577	2.513.558	3.245.141	2.721.354	2.782.527	2.760.110
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente (Mil litros)	330.827	244.506	272.368	270.474	279.531	296.148	268.286	249.485	267.041	399.669
<b>Total em Toneladas</b>	<b>82.345.964</b>	<b>86.361.073</b>	<b>86.649.635</b>	<b>88.092.618</b>	<b>95.797.295</b>	<b>102.349.709</b>	<b>106.962.705</b>	<b>106.752.552</b>	<b>105.655.600</b>	<b>107.351.145</b>
<b>Total em Milhares de Litros</b>	<b>11.297.596</b>	<b>12.254.994</b>	<b>12.466.048</b>	<b>13.839.979</b>	<b>14.092.986</b>	<b>15.947.519</b>	<b>16.717.080</b>	<b>15.207.261</b>	<b>16.729.320</b>	<b>16.541.381</b>

Fonte: IBGE (2018). Elaboração do autor.

Nota: (1) Algumas classes possuem produtos quantificados em milhares de litros, as quais são indicadas na tabela.



## ANEXO 2 - Tabela 2 – Evolução das vendas (toneladas)<sup>1</sup> da indústria de alimentos brasileira: 2006-2015

CLASSE CNAE	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Fabricação de conservas de frutas	1.612.764	1.802.026	1.740.905	2.055.029	2.076.663	2.337.724	2.308.625	2.403.961	2.469.758	2.268.611
Fabricação de conservas de legumes e outros vegetais	330.811	409.992	348.536	403.993	460.410	995.281	1.177.653	1.029.441	1.025.256	1.063.676
Fabricação de sucos de frutas, hortaliças e legumes (Mil litros)	1.887.539	2.136.352	2.000.383	2.095.642	2.327.094	2.585.705	2.819.512	2.642.920	2.754.533	3.587.539
Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho	20.538.455	23.522.894	24.490.509	22.380.010	23.464.984	22.286.018	24.380.427	27.852.527	27.872.683	28.762.341
Fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho	3.216.741	3.263.027	3.636.876	3.152.764	2.613.642	2.770.717	2.706.662	3.018.372	2.876.607	2.617.832
Fabricação de margarina e outras gorduras vegetais e de óleos não comestíveis de animais	793.936	739.138	811.110	1.076.899	870.862	976.411	944.868	1.052.730	968.141	938.849
Preparação do leite (Mil litros)	6.536.156	6.832.872	6.971.746	7.601.095	6.703.479	7.068.132	7.782.360	7.724.904	8.457.041	7.436.205
Fabricação de laticínios (Toneladas)	1.285.983	1.525.214	1.772.347	1.901.590	1.925.202	2.198.724	2.587.888	2.343.159	2.370.340	2.490.432
Fabricação de laticínios (Mil litros)	812.016	897.783	928.427	805.953	1.495.944	1.590.808	1.972.824	2.156.635	2.277.379	2.170.689
Fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis	175.674	188.679	246.673	341.260	332.268	297.140	371.425	409.389	458.586	468.939
Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	4.397.725	4.733.518	5.619.316	5.553.300	5.856.930	6.131.158	6.403.974	6.948.993	6.783.894	7.334.580
Moagem de trigo e fabricação de derivados	6.960.332	7.419.021	7.817.048	7.256.313	7.591.637	8.145.732	8.633.938	9.521.008	9.024.214	8.982.647
Fabricação de farinha de mandioca e derivados	161.333	77.095	98.006	87.869	89.721	100.675	153.000	187.108	187.734	176.975
Fabricação de farinha de milho e derivados, exceto óleos de milho	1.304.228	1.480.753	1.681.123	1.528.828	1.354.974	1.664.432	2.091.403	2.616.988	2.184.610	2.620.136
Fabricação de amidos e féculas de vegetais e de óleos de milho	2.259.906	2.363.546	2.518.673	2.537.088	2.713.727	2.661.340	2.554.110	3.001.088	3.244.910	3.117.540
Fabricação de alimentos para animais	6.216.479	6.522.230	6.645.626	6.218.453	6.969.595	8.500.864	9.943.142	10.405.200	10.614.751	11.895.495
Moagem e fabricação de produtos de origem vegetal não especificados anteriormente	371.763	398.535	547.627	268.955	300.563	452.535	960.008	542.798	617.146	711.026
Torrefação e moagem de café	465.903	454.358	487.155	500.030	495.278	485.886	503.895	523.008	565.203	605.428
Fabricação de produtos à base de café	61.455	65.080	64.935	58.590	70.941	84.607	72.906	80.967	74.712	81.844,54
Fabricação de produtos de panificação	548.802	755.963	683.324	789.492	847.852	999.904	1.103.975	1.115.553	1.291.948	1.383.520
Fabricação de biscoitos e bolachas	1.220.780	1.276.590	1.324.294	1.470.122	1.479.924	1.434.260	1.448.920	1.472.435	1.423.390	1.444.672
Fabricação de produtos derivados do cacau, de chocolates e confeitos	1.115.105	1.075.185	1.123.428	942.060	966.215	984.993	1.056.685	1.107.205	1.105.528	1.190.849
Fabricação de massas alimentícias	1.079.277	1.096.013	1.159.758	1.239.582	1.342.767	1.357.799	1.533.984	1.690.933	1.526.971	1.539.295
Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos	691.042	701.406	700.491	868.470	880.974	958.590	961.470	1.113.175	1.090.209	1.153.594
Fabricação de alimentos e pratos prontos	1.500	13.777	33.727	47.015	63.895	67.713	111.424	97.216	79.235	102.678
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente (Toneladas)	2.801.552	2.678.786	2.628.905	2.820.748	2.271.760	2.342.027	2.850.173	2.517.338	2.481.519	2.614.739
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente (Mil litros)	320.038	244.043	272.568	273.012	240.300	292.107	265.634	279.093	262.232	388.708
<b>Total em Toneladas</b>	<b>57.611.546</b>	<b>62.562.826</b>	<b>66.180.392</b>	<b>63.498.459</b>	<b>65.040.781</b>	<b>68.234.529</b>	<b>74.860.556</b>	<b>81.050.590</b>	<b>80.337.345</b>	<b>83.565.699</b>
<b>Total em Milhares de Litros</b>	<b>9.555.749</b>	<b>10.111.050</b>	<b>10.173.125</b>	<b>10.775.702</b>	<b>10.766.817</b>	<b>11.536.752</b>	<b>12.840.330</b>	<b>12.803.551</b>	<b>13.751.185</b>	<b>13.583.142</b>

Fonte: IBGE (2018). Elaboração do autor.

Nota: (1) Algumas classes possuem produtos quantificados em milhares de litros, as quais são indicadas na tabela.

**ANEXO 3 - Tabela 3 – Exportações brasileiras de produtos alimentícios (US\$ Mil FOB): 2008-2017<sup>(1)</sup>**

Classes CNAE	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Fabricação de conservas de frutas	356,906	358,812	343,961	374,186	391,122	330,263	289,862	341,295	356,205	432,784
Fabricação de conservas de legumes e outros vegetais	33,504	26,505	29,019	32,683	25,852	31,267	27,783	24,543	28,315	34,932
Fabricação de sucos de frutas, hortaliças e legumes	2,151,783	1,751,828	1,925,125	2,566,395	2,451,464	2,460,180	2,168,269	2,050,442	2,105,151	2,143,754
Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho	6,403,638	5,675,537	5,953,929	7,623,077	8,557,076	8,119,643	8,061,021	6,967,873	6,073,948	5,952,761
Fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho	747,400	231,879	206,978	382,952	315,021	238,004	244,603	227,691	171,728	229,344
Fabricação de margarina e outras gorduras vegetais e de óleos não comestíveis de animais	50,854	36,622	44,972	68,659	28,870	45,501	79,846	48,224	25,717	22,091
Preparação do leite	48	39	25	57	79	25	48	54	1,519	108
Fabricação de laticínios	543,298	169,049	157,334	122,113	119,933	117,584	346,088	319,768	168,373	113,428
Fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis	519	646	779	286	336	158	2,544	434	872	412
Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	303,575	257,473	162,826	569,609	500,838	299,873	300,291	300,483	199,470	214,023
Moagem de trigo e fabricação de derivados	3,466	3,346	3,595	4,847	5,800	7,262	7,411	7,628	16,582	33,524
Fabricação de farinha de mandioca e derivados	1,789	1,643	1,905	1,806	1,693	2,738	3,029	3,426	4,838	9,966
Fabricação de farinha de milho e derivados, exceto óleos de milho	46,187	44,545	37,703	60,340	50,332	53,313	63,104	50,509	45,177	69,310
Fabricação de amidos e féculas de vegetais e de óleos de milho	106,316	82,805	91,022	116,751	113,011	88,936	63,184	92,873	99,728	99,080
Fabricação de alimentos para animais	147,481	102,557	138,609	152,306	168,534	217,214	239,503	208,363	225,002	266,959
Moagem e fabricação de produtos de origem vegetal não especificados anteriormente	215,628	237,874	234,822	195,782	177,168	165,583	152,541	156,316	181,985	199,192
Torrefação e moagem de café	35,742	29,895	22,453	26,290	18,411	15,873	11,637	10,120	12,809	13,176
Fabricação de produtos à base de café	595,767	487,762	560,527	706,773	722,523	677,620	609,170	593,246	616,094	659,890
Fabricação de produtos de panificação	11,912	10,274	11,180	12,710	13,237	14,816	16,660	15,616	16,029	18,429
Fabricação de biscoitos e bolachas	81,832	72,159	75,434	84,526	88,421	91,386	96,360	78,349	74,071	91,592
Fabricação de produtos derivados do cacau, de chocolates e confeitos	605,129	539,453	612,307	626,739	557,147	477,441	490,100	510,974	541,081	519,242
Fabricação de massas alimentícias	32,147	18,559	11,922	12,955	14,839	21,461	25,957	7,476	10,521	10,156
Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos	37,587	39,480	19,587	15,499	22,273	19,130	19,801	14,841	16,422	24,774
Fabricação de alimentos e pratos prontos	944,395	786,859	775,038	885,411	789,319	755,125	702,678	582,795	604,838	554,032
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente	556,086	392,612	497,324	359,371	344,245	387,641	414,737	392,987	379,127	387,222
<b>Total</b>	<b>14,012,987</b>	<b>11,358,213</b>	<b>11,918,377</b>	<b>15,002,123</b>	<b>15,477,545</b>	<b>14,638,038</b>	<b>14,436,226</b>	<b>13,006,326</b>	<b>11,975,604</b>	<b>12,100,181</b>

Fonte: FUNCEXDATA (2018). Elaboração do BNB/ETENE.

Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

## ANEXO 4 - Tabela 4 – Importações brasileiras de produtos alimentícios (US\$ Mil FOB): 2008-2017<sup>(1)</sup>

Classes CNAE	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Fabricação de conservas de frutas	188,568	182,670	271,377	287,760	308,964	340,384	406,402	293,530	265,952	299,769
Fabricação de conservas de legumes e outros vegetais	313,442	296,448	440,368	487,723	462,879	624,872	650,601	538,167	575,945	591,108
Fabricação de sucos de frutas, hortaliças e legumes	15,390	16,587	27,641	28,195	21,393	32,280	20,743	19,618	26,868	22,606
Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho	102,291	65,635	63,046	68,126	65,010	50,820	48,701	62,205	75,642	96,080
Fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho	603,491	469,911	608,966	887,429	823,549	805,451	848,128	661,051	689,843	793,146
Fabricação de margarina e outras gorduras vegetais e de óleos não-comestíveis de animais	48,865	55,213	57,436	64,963	42,762	62,037	82,952	82,554	97,109	100,137
Preparação do leite	1,765	4,228	2,962	9,458	6,705	12,706	2,442	452	1,392	630
Fabricação de laticínios	239,733	278,263	357,327	641,009	696,637	644,118	489,265	450,437	683,446	594,454
Fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis	10,498	7,995	29,355	23,782	13,551	9,089	15,543	10,630	7,498	8,831
Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	208,717	247,660	356,574	252,612	317,879	346,799	282,711	135,362	263,859	295,532
Moagem de trigo e fabricação de derivados	308,672	207,270	240,143	329,281	272,124	148,872	164,882	124,090	131,976	132,236
Fabricação de farinha de mandioca e derivados	8	2	13	30	51	280	286	353	418	879
Fabricação de farinha de milho e derivados, exceto óleos de milho	767	1,231	710	1,131	4,133	2,808	969	2,258	3,961	2,682
Fabricação de amidos e féculas de vegetais e de óleos de milho	45,285	41,160	67,317	72,284	76,701	99,985	100,137	74,463	76,138	79,936
Fabricação de alimentos para animais	155,029	139,323	169,163	200,122	222,330	248,402	261,987	260,976	234,110	255,392
Moagem e fabricação de produtos de origem vegetal não especificados anteriormente	104,652	101,528	109,340	117,722	132,781	151,817	137,339	131,735	118,355	136,752
Torrefação e moagem de café	7,661	13,978	21,518	40,583	35,820	32,226	47,919	67,042	53,648	73,845
Fabricação de produtos à base de café	733	2,415	2,730	4,674	5,977	7,915	12,110	17,009	7,402	7,634
Fabricação de produtos de panificação	4,811	3,903	8,257	12,653	7,142	5,520	6,054	4,551	3,322	4,091
Fabricação de biscoitos e bolachas	16,912	17,248	18,304	27,292	41,847	52,337	35,591	38,510	25,450	33,401
Fabricação de produtos derivados do cacau, de chocolates e confeitos	252,391	310,621	304,955	308,343	448,749	293,879	385,627	318,787	386,497	390,454
Fabricação de massas alimentícias	25,826	23,232	25,412	34,497	39,195	41,729	39,869	31,332	28,097	36,910
Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos	23,586	22,571	41,880	48,143	43,092	52,326	53,427	44,209	33,527	36,618
Fabricação de alimentos e pratos prontos	8,089	11,241	12,697	16,621	32,914	48,810	69,448	88,395	95,229	54,915
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente	189,981	204,959	239,231	294,281	368,389	456,972	440,773	372,895	326,021	378,944
<b>Total</b>	<b>2,877,163</b>	<b>2,725,289</b>	<b>3,476,725</b>	<b>4,258,715</b>	<b>4,490,574</b>	<b>4,572,434</b>	<b>4,603,906</b>	<b>3,830,610</b>	<b>4,211,705</b>	<b>4,426,982</b>

Fonte: FUNCEXDATA (2018). Elaboração do BNB/ETENE.  
Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

---

## ANÁLISES DISPONÍVEIS

---

- [Produção de algodão](#)
- [Setor sucroenergético nordestino](#)
- [Shopping centers](#)
- [Petróleo e gás natural](#)
- [Cajucultura nordestina continua em declínio](#)
- [Rochas ornamentais: novas perspectivas de investimento](#)
- [Textile industry \(english version\)](#)
- [Produção de Grãos: feijão, milho e soja](#)
- [Turismo no Nordeste: aspectos Gerais](#)
- [A adaptação do Nordeste ao cenário de modernização da cocoicultura](#)
- [Indústria petroquímica](#)
- [Infraestrutura de saneamento na região Nordeste](#)
- [Desempenho da apicultura nordestina em anos de estiagem](#)
- [Produção de grãos: grandes desafios do agricultor brasileiro](#)
- [Produtor de café no Brasil: mais agro e menos negócio](#)
- [Semiárido: setores estratégicos e o déficit na produção de bens finais](#)
- [Retrato da Silvicultura na área de atuação do Banco do Nordeste](#)
- [Potencialidades da energia eólica no Nordeste](#)
- [Indústria de bebidas alcoólicas](#)
- [Agroindústria sucroalcooleira](#)
- [Indústria da construção civil](#)
- [Logística de armazenagem: Produtos químicos](#)
- [A Indústria de vidros planos](#)
- [Indústria petroquímica](#)
- [Análise dos fluxos de comércio no semiárido](#)
- [Indústria de autopeças](#)
- [Agroindústria da carne no Nordeste](#)
- [Energia solar no Nordeste](#)
- [Carcinicultura no Nordeste: velhos desafios para a geração de emprego e renda](#)
- [Matriz de Insumo-Produto do Nordeste: demanda final doméstica](#)

---

## PRÓXIMAS ANÁLISES

---

- |  |                            |                        |  |
|--|----------------------------|------------------------|--|
| - <b>Saúde pública e privada</b>       | - <b>Cerâmica vermelha</b> | - <b>Energia solar</b> | - <b>Agroindústria da carne</b>          |
| - <b>Economia criativa: artesanato</b> | - <b>Grãos</b>             | - <b>Citricultura</b>  | - <b>Olericultura no Nordeste</b>        |
| - <b>Energia térmica</b>               | - <b>Energia eólica</b>    | - <b>Floricultura</b>  | - <b>Indústria de móveis no Nordeste</b> |
-